

territorium 17

Tema: Riscos, Sociedade(s) e Segurança

NOTA DE ABERTURA

O ano de 2010 começou mal quanto à manifestação de riscos.

No que respeita ao nosso país, 20 de Fevereiro foi um dia de tragédia na ilha da Madeira. Tal como em tantas outras ocasiões, chuva muito intensa, depois de várias situações de chuvas abundantes ao longo das semanas anteriores, fez desencadear cheias rápidas que, associadas a deslizamentos e fluxos de lama e de detritos, corresponderam à manifestação dos processos potencialmente perigosos que, em ligação com as vulnerabilidades existentes, trouxeram destruição e morte àquela que tem sido considerada a “pérola do Atlântico”. Embora o número de mortos mais vezes referido seja de 42, a verdade é que poderão ter falecido umas 50 pessoas. Dois meses depois, os prejuízos estavam oficialmente avaliados em 1080 milhões de euros. A manifestação deste risco, bem conhecido na ilha, foi, por isso, caracterizada como catástrofe. A verdade, porém, é que aplicando a classificação das catástrofes segundo André DAUPHINÉ em *Risques et Catastrophes* (PARIS, Armand Colin, 2001), com mais de 10 e menos de 99 mortos, temos, apenas, um “desastre”, não podendo, então, ser considerada no nível III, o de “catástrofe”. Cedo ainda para se fazer uma análise científica ao ocorrido, a *Territorium* tem o privilégio de publicar seis artigos sobre casos aparentados com este, mas localizados em regiões brasileiras, em Portugal ou em França - desde “precipitações extremas” até “inundações urbanas”, passando por “movimentos de massa em vertentes”, o tema das cheias rápidas, com toda a sua complexidade, está presente.

Todavia, antes da tragédia da Madeira, o mundo já tinha ficado atónito a 12 de Janeiro com os resultados do forte terramoto do Haiti (grau 7 na escala de RICHTER). Com um número de mortos à volta de 200000, muita destruição e prejuízos incalculáveis, segundo a referida classificação, é colocado no nível V, o mais importante, o da “super catástrofe”. Curiosamente, a 27 de Fevereiro, um terramoto ainda mais forte (8.8 na escala de RICHTER) verificou-se no Chile. Com muitas destruições, mas com pouco mais de 700 mortos, a mesma classificação dá-lhe, apenas, o nível III, ou seja, o da “catástrofe” (perdas humanas entre 100 e 999). A comparação entre os dois traz-nos à memória a célebre noção de “class quake”, exposta por Piers BLAIKIE e colaboradores em *At Risk* (London, Routledge, 1994). Portugal tem-se preocupado muito com terramotos e não será de admirar que a *Territorium*, que já algumas vezes publicou recensões sobre livros que tratam do tema, publique agora um trabalho sobre vulnerabilidade e risco sísmico à escala de centros urbanos históricos.

No conjunto dos 21 artigos que vêm a lume neste número 17 da *Territorium*, cinco relacionam-se directamente com incêndios florestais, o que se compreende pela importância que, quase todos os anos, eles assumem no mundo, embora principalmente nas áreas mais povoadas do domínio mediterrâneo. Mas a geomorfologia aplicada à erosão dos solos também aparece em três artigos. Outros, ainda, tratam do risco de secas (Portugal), do risco de incêndio em favelas (Brasil), de climatologia aplicada à saúde, da importância dos SIG em planeamento e do estudo de casos concretos de riscos urbanos em duas cidades brasileiras.

Como vem sendo hábito, a *Territorium* tem, ainda, o gosto de publicar uma secção de notas, notícias e recensões. A totalidade dos artigos, as três notas e uma das notícias incluídas neste número tiveram a sua origem em comunicações apresentadas ao I Encontro Internacional de Riscos, realizado em Coimbra em 2009.

